

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gabriel Aquino Nascimento Gabeira

**LÉVI-STRAUSS COM LACAN: CRÍTICA À CONCEPÇÃO DE DOENÇA MENTAL**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Alinne Nogueira Silva Coppus

Juiz de Fora  
2023

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **GABRIEL AQUINO NASCIMENTO GABEIRA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201772146A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **LÉVI-STRAUSS COM LACAN: CRÍTICA À CONCEPÇÃO DE DOENÇA MENTAL**, desenvolvido durante o período de março de 2023 a julho de 2023 sob a orientação de ALINNE NOGUEIRA SILVA COPPUS, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**GABRIEL AQUINO NASCIMENTO GABEIRA**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à Alinne Nogueira pelas pontuações, pelo silêncio, pela transmissão, pela inspiração, por fazer com que algo fosse possível.

À Regina Castelo, dentre tantas outras coisas que tenho a agradecer, por ter aceitado avaliar este trabalho.

Ao Grupo de Orientação (Ana Paula, Davi, Larissa, Luiza) pela construção coletiva.

Ao Luiz Flávio Neubert, pela recepção carinhosa desde o início da graduação.

À Ana Paula El-Jaick, por ter norteado minha relação com a escrita acadêmica.

À Beth Pissolato, Bianca Faveret, Cristina Name, Dilip Loundo, Gilberto Felisberto Vasconcellos, Humberto Quaglio, Jorge Chaloub, Marcos Patronis, Raphael Bispo, Vanessa Tonelli e Wallace Andriolli Guedes por terem dado forma a esse percurso interdisciplinar.

À Josefa Ferreira, por todo apoio institucional.

Ao FalaTrans, por ter se consolidado como um espaço ético de muita parceria e aprendizado para mim.

À Liga Acadêmica de Psicanálise do CES/JF, por ter compartilhado dessa causa.

À Adriana Ventura e Maria Lúcia Vidal Mattos por se fazerem presentes na minha formação onde quer que eu esteja.

À Monalisa Lauro, por ter acrescentado muito em minha escrita a partir de suas generosas leituras na revisão desse projeto.

Aos amigos que se fazem familiares. Aos familiares que se fazem amigos.

# LÉVI-STRAUSS COM LACAN: CRÍTICA À CONCEPÇÃO DE DOENÇA MENTAL

Gabriel Aquino Nascimento Gabeira<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo objetivou partir de uma contextualização do discurso médico como estabelecido pela medicina moderna às suas reformulações contemporâneas para empreender uma crítica à concepção de “doença mental”, frequentemente mobilizada como efeito desse mesmo discurso. Para que fosse possível introduzir a crítica, fez-se necessário uma discussão a respeito da ordem simbólica e dos tratamentos possíveis dispensados à palavra (notadamente, o xamanismo ameríndio e a psicanálise diante das suas formalizações pelo estruturalismo francês) que o emprego do registro do simbólico implica. Por fim, foi realizada uma análise da nomeação e tratamento do sofrimento psíquico como doença mental. Este trabalho constituiu-se como uma pesquisa teórica com análise conceitual e interpretativa. Tomamos como referência as obras de Claude Lévi-Strauss e Jacques Lacan. Pudemos constatar que as dimensões do sentido e da verdade associadas ao sofrimento implicam num estranhamento da operação analógica que submete esse fenômeno às leis fisiológicas que o significante “doença” faria impor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lévi-Strauss. Lacan. Doença mental. Psicanálise. Teoria antropológica.

## 1. INTRODUÇÃO

“Nós cremos pensar com nosso cérebro” (LACAN, 1975/2016, p. 93). Na provocação de Jacques Lacan reside uma demarcação sarcástica do discurso científico e médico de nossa época. Sigmund Freud (1890/1976) caracterizava esse posicionamento da medicina moderna como uma “orientação unilateral da medicina para o aspecto físico” (p. 177), considerando que não se trata apenas de uma associação, mas de uma subordinação do psíquico ao físico. Se essa demarcação está presente desde pelo menos a modernidade, essa problemática filosófica (faz-se necessário dizer: não “resolvida”) sobre a localização do psiquismo é muitas vezes reforçada e ocultada diante da narrativa dominante do cognitivismo recente que prega uma analogia entre mente-cérebro-computador, como nos ensina Thagard (2018). Arantes e Freitas (2019) nos oferecem uma das mais contemporâneas contextualizações acerca de um movimento que nomearam “neurocolonização”, elegendo o crescimento das pesquisas sobre a materialidade cerebral a partir da década de 1990 em conjunto com a aceleração do neoliberalismo como as novas sustentações desse movimento. A neurocolonização é mais um desdobramento do discurso médico: destitui o saber de outros profissionais, como os profissionais do campo da Educação, oferecendo uma matriz de significantes e uma forma engessada de se relacionar que antes não compunham esse mesmo campo. Sobre esse mesmo movimento invasivo, poderíamos ainda nomeá-lo como uma *neuro-weltanschauung*, conforme as significativas pesquisas de Azize (2008).

Ao querer dizer algo sobre saúde, doença e normatividade é preciso, no entanto, reconhecer certas posições filosóficas assumidas – argumento longe de ser considerado inédito, visto que já figurava como um tema relevante para pensadores franceses do século XX como Georges Canguilhem (“*Le normal et le pathologique*” de 1943) e Michel Foucault (“*Maladie mentale et personnalité*” de 1954; “*Histoire de la folie à l’âge classique*” de 1961; “*Naissance de la clinique*” de 1963...), que hoje ocupam posições de destaque nas discussões acadêmicas no que diz respeito às implicações do discurso médico. Certos saberes que se pretendem científicos como a Psicologia revestem-se de uma roupagem “anátomo-fisiológica” (ALBERTI; ELIA, 2008, p. 783) na “corrida pelo cientificismo da clínica” (ibid., p. 783), ocultando e naturalizando essas posições. Este artigo pretende, para além dos autores

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: [gbrakvn@gmail.com](mailto:gbrakvn@gmail.com). Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Alinne Nogueira Silva Coppus.

popularmente citados para pensar essas implicações, deslocar as referências para outros dois marcos: Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e Jacques Lacan (1901-1981).

São múltiplas as possibilidades de se pensar as relações entre esses dois autores: a partir das heranças deixadas por Freud no pensamento de cada um (cf., por exemplo, WERNECK, 2012); a partir das afinidades epistemológicas entre a etnologia e a psicanálise (como observado por M. Foucault em *Les mots et les choses* de 1966), naquilo que diferencia suas obras do discurso científico moderno e possibilita no exercício de Lévi-Strauss – a partir da etnologia – e de Lacan – com a clínica psicanalítica – direcioná-los a uma *outra coisa* (no sentido de GOLDMAN, 2008; cf. também ALBERTI; ELIA, 2008); nas aproximações (GOLDMAN, 2008) e distanciamentos (SOLER, 2012) com a classificação de serem partidários do que ficou conhecido como o estruturalismo francês; etc. No que diz respeito ao nosso interesse mais imediato, o foco deste trabalho consistiu em traçar uma crítica à concepção de *doença mental* a partir de Lévi-Strauss *com* Lacan, diante desse contexto de inserção do discurso médico nos saberes sobre a saúde.

Esta investigação empregou uma metodologia de pesquisa teórica com análise conceitual e dotada de viés interpretativo. Os fundamentos teóricos foram baseados nos escritos de Lévi-Strauss e Lacan, apostando em uma intersecção entre o pensamento destes dois autores para extrair uma crítica ao discurso científico sobre a doença mental. Escrevemos “Lévi-Strauss *com* Lacan” em alusão ao ensaio de Lacan “*Kant avec Sade*” de 1963 (aqui traduzido para o português brasileiro na publicação de 1998 dos *Escritos* pela Editora Zahar como “Kant com Sade”) para demarcar um estilo e um modo de interpretação. Nesse ensaio, lemos: “Assim, Kant, por ser questionado 'com Sade', ou seja, com Sade fazendo às vezes [...]” (LACAN, 1963/1998, p. 786) e consideramos que a forma de conjugar os dois autores aqui foi justamente a de questionar Lévi-Strauss sobre o tema, com Lacan “fazendo às vezes”. Nesse modelo interpretativo, é necessário dizer que carregamos ainda uma marca da interpretação psicanalítica (e, por extensão, do estruturalismo francês) de extrair algo para além do que foi dito – como bem definiu Oscar Masotta (1987): “[...] tudo isso sem violentar as idéias, mas devolvendo às palavras a capacidade de assombrar” (p. 13).

## 2. INSERINDO A ORDEM SIMBÓLICA NO DEBATE

Lévi-Strauss, na consagrada *Introdução à obra de Marcel Mauss* de 1950, dedica-se a fazer um inventário do pensamento de Marcel Mauss, sobrinho de Émile Durkheim e catedrático da *École Pratique des Hautes Études*. Escrito no ano da morte de Mauss, Lévi-Strauss apresenta as inovações epistemológicas para a sociologia e antropologia que foram possíveis a partir do pensamento maussiano – principalmente a partir do afastamento de Mauss do que foi estabelecido por Durkheim, com a publicação do *Ensaio sobre a dádiva* de 1925 e com a concepção de fato social total. Recebe destaque no texto os escritos de Mauss sobre o corpo e sua concepção de um simbólico “que imprime sua marca nos indivíduos” (LÉVI-STRAUSS, 1950/2003, p. 12), proporcionando como consequência dessa “nova orientação” (ibid., p. 12) uma possibilidade de “aproximação entre etnologia e psicanálise” (ibid., p. 12). Mauss em vida havia elegido os psicólogos como interlocutores e a partir dessa orientação do *simbólico* que rege a sociedade, buscou investigar os processos psicopatológicos. Sobre os fenômenos que as “terminologias psiquiátricas” produzem, Lévi-Strauss nos apresenta as implicações do pensamento de Mauss:

É da natureza da sociedade que ela se exprima simbolicamente em seus costumes e em suas instituições; ao contrário, as condutas individuais normais jamais são simbólicas por elas mesmas: elas são os elementos a partir dos quais um sistema simbólico, que só pode ser coletivo, se constrói. São apenas as condutas anormais que, por serem dessocializadas e de certo modo abandonadas a si mesmas, realizam, no plano individual, a ilusão de um simbolismo autônomo. Dito de outro modo, as condutas individuais anormais, num grupo social dado, atingem o

simbolismo, mas num nível inferior e, se podemos dizer, numa ordem de grandeza diferente e realmente incomensurável àquela na qual se exprime o grupo.

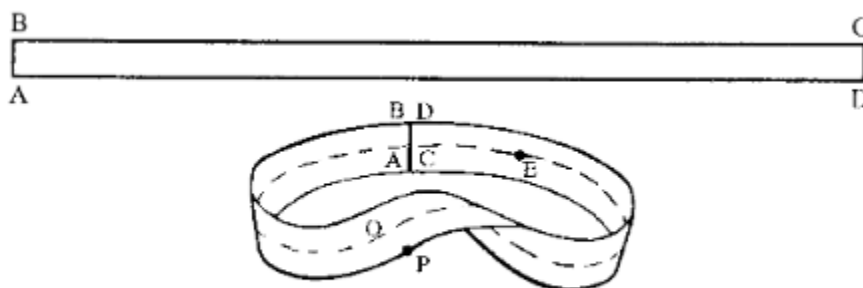
[...]

A redução do social ao psicológico, tentada por alguns por intermédio da psicopatologia, seria ainda mais ilusória do que admitimos até o presente, se devesse ser reconhecido que cada sociedade possui suas formas preferidas de distúrbios mentais, e que estes, tanto como as formas normais, são função de uma ordem coletiva que a própria exceção não deixa indiferente. (LÉVI-STRAUSS, 1950/2003, p. 17-18)

Nesse ponto, cabe aqui retomarmos os apontamentos de Lacan em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* de 1953, conferência que ficou conhecida como “Discurso de Roma” e marco importante para aqueles que visam categorizar os escritos de Lacan em periodizações distintas em que são evidenciados diferentes registros (imaginário; simbólico ou real) como o faz Jacques-Alain Miller (2003). O Discurso de Roma é frequentemente referido como marco de um direcionamento ao *simbólico* na obra lacaniana. Temos acesso a uma síntese da herança freudiana proferida por Lacan, a saber: “Pois a descoberta de Freud é a do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica, e do remontar de seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização no ser” (LACAN, 1953/1998b, p. 276). Momentos antes de proferir essa fala, um outro apontamento significativo e próximo do que foi elaborado por Lévi-Strauss a partir de Mauss:

Pois se, para admitir um sintoma na psicopatologia psicanalítica, seja ele neurótico ou não, Freud exige mínimo de sobredeterminação constituído por um duplo sentido, símbolo de um conflito defunto, para além de sua função, num conflito presente *não menos simbólico*, e se ele nos ensinou a acompanhar, no texto das associações livres, a ramificação ascendente dessa linhagem simbólica, para nela detectar, nos pontos em que as formas verbais se cruzam novamente, os nós de sua estrutura, já está perfeitamente claro que o sintoma se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada. (LACAN, 1953/1998b, p. 270)

Se restam dúvidas acerca da concepção de simbólico de Mauss subscrita por Lévi-Strauss não ser ainda suficientemente livre de um sociologismo, é no adendo de Lévi-Strauss (1950/2003) de que o “psiquismo individual não reflete o grupo, muito menos o pré-forma” (p. 22), seguido por uma definição de que há uma “*complementaridade* entre psiquismo individual e estrutura social [que] funda a fértil colaboração reclamada por Mauss” (ibid., p. 22) que nos atemos. Para que essa concepção seja de uma equivalência razoável ao simbólico de Lacan, pensamos aqui na reformulação lacaniana do conceito de inconsciente não mais como contido dentro de um psiquismo individual como em Freud (e passível de ser identificado com o cérebro, a partir de certas interpretações), mas de um “*discurso do Outro*” (PARKER, 2003) representado pela figura topográfica da *Banda de Möebius* – uma superfície com duas dimensões que se confundem: dentro-fora (DUTRA, 2021a).



**Figura: Banda de Möebius**

Fonte: Eidelsztein, Alfredo. **Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan**. Buenos Aires: Letra Viva, 2013, p. 114.

Faz-se necessário ressaltar, seguindo as considerações de Carina Basualdo (2011; 2013) – psicanalista que pesquisou profundamente a relação entre os dois autores – que o simbólico em Lévi-Strauss ganha o contorno de uma *função simbólica* que visaria subsumir o inconsciente freudiano e aqui temos uma divergência com a *ordem simbólica* lacaniana que sempre esteve referenciada a uma estrutura triádica: real, simbólico e imaginário. A função simbólica lévi-straussiana toma por referência a linguagem, enquanto que a ordem simbólica lacaniana se relaciona com o “sujeito que fala” (BASUALDO, 2013).

Diante disso, nos posicionamos com Miller (2012) ao afirmar que “não podemos evitar a impressão de que [...] o conceito de ordem simbólica é muito mais preciso que o conceito de cultura do qual se utiliza o psicólogo cognitivista” (n.p.). Se o psicólogo cognitivista figura como um dos interlocutores deste artigo, assim também o faz o psiquiatra organicista – de quem não poderíamos esperar nem mesmo um conceito de cultura em seu sistema explicativo, visto a pretensão teórica da psiquiatria de ser considerada uma “história natural das doenças mentais”<sup>2</sup> (DE CALAN, 2013, tradução nossa).

### 3. O TRATAMENTO DA PALAVRA

Em conformidade com o enunciado por Lacan (1946/1998a) de que “o uso da fala requer muito mais vigilância na ciência do homem por toda parte, pois nela compromete o próprio ser de seu objeto” (p. 162), discorreremos sobre as implicações da ordem simbólica ao nos atermos aos tratamentos possíveis pela via da palavra – objeto de preocupação tanto antropológica quanto psicanalítica.

Nos servimos de Foucault (1969/2011) ao considerar Freud como “fundador de uma discursividade”, ou seja, que “[...] Freud tornou possível um certo número de diferenças em relação aos seus textos, aos seus conceitos, às suas hipóteses, que dizem todas respeito ao próprio discurso psicanalítico” (p. 282). Essas diferenças foram didaticamente classificadas e comparadas por Ana Cristina Figueiredo (1997) em sua tese de doutorado na seção *O campo psicanalítico em questão* (p. 17-29), no que diz respeito à herança estritamente psicanalítica (considerando que existem ainda as heranças filosóficas, antropológicas, etc.) de Freud: escola americana (psicologia do ego); escola inglesa; escola francesa; heterodoxos (Ferenczi e Winnicott). Não poderíamos negar, portanto, que a partir de Freud fora possível para seus leitores uma interpretação biologizante que visava dar continuidade ao seu *Projeto de uma psicologia científica* (1895), com tendências que Miller (2012) denominou jocosamente de *neuroreal*.

Lévi-Strauss e Lacan, no entanto, não partilham dessa tendência ainda que tenham sido profundamente influenciados por Freud. Essa relação entre os dois é justamente uma das chaves possíveis para pensar o movimento de desassociação de uma leitura biologizante de Freud, como indica Basualdo (2011): “A ênfase dada pelo antropólogo à dimensão simbólica da produção humana permite a Lacan se distanciar da abordagem biológica de Freud”<sup>3</sup> (p. 190, tradução nossa).

Para retornar aos tratamentos possíveis ao simbólico que foram trabalhados nas obras dos dois autores, podemos antes resgatar essa influência freudiana em textos como *Tratamento psíquico (ou anímico)* que relata “distúrbios e queixas” endereçados aos médicos “mas em quem [nos doentes] não se encontram sinais visíveis e palpáveis do processo patológico” (FREUD, 1890/1976, p. 178) ou definições perfeitamente compatíveis com esse revestimento simbólico do tratamento:

Um desses meios [de tratamento psíquico] é sobretudo a palavra, e as palavras são também a ferramenta essencial do tratamento anímico. O leigo por certo achará

---

<sup>2</sup> Em um artigo visando retomar o debate entre Henri Ey e Jacques Lacan, Ronan de Calan busca sintetizar o posicionamento tanto dos psiquiatras organicistas quanto dos organo-dinamicistas seguidores de H. Ey. Buscando traduzir esse posicionamento psiquiátrico, ele afirma com certa ironia: “*La psychiatrie est une histoire naturelle des maladies mentales*” (DE CALAN, 2013, p. 28).

<sup>3</sup> No original: “*L’accent mis par l’anthropologue sur la dimension symbolique de la production humaine permet à Lacan de se détacher de l’approche biologique de Freud.*” (BASUALDO, 2011, p. 190).

diffícil compreender que as perturbações patológicas do corpo e da alma possam ser eliminadas através de ‘meras’ palavras. Achará que lhe estão pedindo para acreditar em bruxarias. E não estará tão errado assim: as palavras de nossa fala cotidiana não passam de magia mais atenuada. (FREUD, 1890/1976, p. 176)

Lévi-Strauss nos apresenta, no mesmo rastro investigativo, um par de textos de 1949 denominados *A eficácia simbólica* e *O feiticeiro e sua magia*. “A eficácia simbólica” trata-se de uma exposição de aspectos da cura xamanística dos povos Cuna que habitam a República do Panamá, diante de um parto difícil (LÉVI-STRAUSS, 1949/2008a). Vejamos um fragmento:

A cura consistiria, portanto, em tornar pensável uma situação dada inicialmente em termos afetivos, e aceitáveis, pelo espírito, dores que o corpo se recusa a tolerar. O fato de a mitologia do xamã não corresponder a uma realidade objetiva não tem importância, pois que a paciente nela crê e é membro de uma sociedade que nela crê. Espíritos protetores e espíritos maléficos, monstros sobrenaturais e animais mágicos fazem parte de um sistema coerente que funda a concepção indígena do universo.

[...]

O xamã fornece à sua paciente uma *linguagem* na qual podem ser imediatamente expressos estados não-formulados, e de outro modo informuláveis. E é a passagem para essa expressão verbal (que ao mesmo tempo permite viver de forma ordenada e inteligível uma experiência atual, mas que sem isso seria anárquica e indizível) que provoca o desbloqueio do processo fisiológico, isto é, a reorganização, num sentido favorável, da seqüência de cujo desenrolar a paciente é vítima. (LÉVI-STRAUSS, 1949/2008a, p. 213)

Ainda que pudéssemos classificar a situação como pertencente às causas e enfermidades orgânicas – “a cura xamânica se situa a meio caminho entre nossa medicina orgânica e as terapêuticas psicológicas como a psicanálise” (LÉVI-STRAUSS, 1949/2008b, p. 213) –, é preciso considerar que os Cuna não são adeptos das mesmas significações sobre a natureza do corpo e da alma ou sobre as categorizações de saúde instauradas pela modernidade ocidental. Isso possibilitou com que Lévi-Strauss traçasse similaridades e distinções entre o xamanismo Cuna e a psicanálise diante da função do xamã convocado para auxiliar o parto. Que o foco esteja nos estados afetivos revestidos pela linguagem em um sistema de referência e em uma concepção do corpo que não se reduzisse ao organismo fisiológico fez com que o antropólogo abordasse esse aspecto simbólico que buscamos ressaltar.

Em “O feiticeiro e sua magia”, Lévi-Strauss (1949/2008b) retrata o xamanismo dos povos Zuni que habitam o Novo México em uma situação distinta da anterior. O problema agora é uma “crise nervosa” (mais afeita ao que é associado de costume à psicanálise) de uma menina de doze anos que foi tocada por um adolescente antes do acontecimento. Esse adolescente foi acusado de feitiçaria e de início negou as acusações, mas não obtendo resultados positivos construiu uma narrativa que confirmasse a crença do povo de que ele era um grande feiticeiro. Ao adotar essa postura, ele se propôs a fabricar a cura para o mal que acometera a menina e atingiu uma eficácia em seu propósito – a partir da *suposição de saber* da menina e do povo no adolescente.

Contada a história dos Zuni, o antropólogo discorre sobre os indígenas Kwakiutl da região de Vancouver, Canadá. Os Kwakiutl tiveram sua história escrita por Franz Boas, com foco em um indígena chamado Quesalid que de cético aprendiz de feiticeiro passou a ser considerado um dos grandes portadores de técnicas e experiências na arte da cura xamanística. Mantendo-se com o interesse voltado às comparações com a psicanálise, Lévi-Strauss busca traçar mais uma vez similaridades e diferenças com a discursividade inaugurada por Freud. É nos aspectos *transferenciais* da relação que o paralelo entre o xamanismo dos Zuni e dos Kwakiutl e a psicanálise é estabelecido: “Quesalid não se tornou um grande xamã porque curava seus doentes, curava seus doentes porque se tornara um grande xamã” (LÉVI-STRAUSS, 1949/2008b, p. 195). Faz-se importante ressaltar que os aspectos transferenciais não abrangem a totalidade do tratamento da palavra ou que a psicanálise e mesmo as práticas de cura

ameríndias não se reduzem a esses aspectos, sendo apenas um ponto de intersecção entre essas práticas destacado pelo antropólogo.

Em 1946, Lacan (1946/1998a) se propõe a tecer uma crítica da teoria “organo-dinamicista” do psiquiatra Henri Ey em *Formulações sobre a causalidade psíquica*. O organo-dinamicismo de Ey tratava-se de uma reformulação do organicismo psiquiátrico mobilizando concepções energéticas, tomando de empréstimo concepções do behaviorismo, da Psicologia da Gestalt alemã e de certos aspectos do freudismo na construção de uma neuropsiquiatria que conferia a psicogênese uma posição marginal frente aos outros modelos explicativos. No texto, lemos Lacan direcionar críticas à teoria da loucura de Ey e mobilizar esse significativo do começo ao fim. Com o auxílio do trabalho de Pablo Muñoz (2008) sobre o conceito de loucura na obra de Lacan, nos tornamos capazes de esclarecer que loucura não equivale necessariamente à psicose como uma estrutura clínica – movimento de equivalência presente tanto na psiquiatria quanto na psicanálise pós-freudiana americana e inglesa. Muñoz (2008)<sup>4</sup> acrescenta:

Mas então, se a loucura pode coincidir ou não com a psicose, o mesmo pode ser dito da neurose. Talvez, então, também da perversão. Sem entrar aqui neste espinhoso problema, podemos adiantar que, pelo que foi dito, o conceito de loucura está situado numa região conceitual diferente daquela a que estamos habituados a recorrer quando falamos das *estruturas freudianas*. (p. 89, grifos do autor, tradução nossa).

Podemos inserir, a partir do que foi colocado acima, as contribuições de Lacan sobre a causalidade psíquica como capazes de serem situadas próximas às descobertas de Lévi-Strauss. O psicanalista enuncia: “É que vocês verão que a questão da verdade condiciona em sua essência o fenômeno da loucura, e que, querendo evitá-lo, castra-se esse fenômeno da significação pela qual penso mostrar-lhes que ele se prende ao próprio ser do homem” (LACAN, 1946/1998a, p. 155). O *fenômeno da significação* e a relação necessária com a questão da *verdade* são fundamentais para a construção do nosso argumento, à medida em que a psiquiatria organicista evita essas duas condições para descrever a partir de seu sistema explicativo centrado no orgânico. Comentando o caso clínico dos neurobiologistas Gelb e Goldstein em um caso de afasia, Lacan afirma que o fenômeno vivido “revela não apenas ao neurologista, mas também ao filósofo, e sem dúvida mais ao filósofo do que ao neurologista” (ibid., p. 163). É na afirmação de que “*toda loucura é vivida no registro do sentido*” (ibid., p. 167) que entendemos sua contribuição máxima ao que vem sendo discutido aqui, descobertas fundamentais presentes tanto na psicanálise quanto no xamanismo.

Ainda que mantenham entre si (a psicanálise e o exercício de cura ameríndio) diferenças constitutivas, esses dois modelos podem constituir uma aliança teórica no desvelamento daquilo que é estranho à medicina moderna – de “formação que podemos qualificar como positivista” (LACAN, 1967, p. 17): o problema da significação que reveste o sofrimento psíquico. Cabe aqui lembrarmos a posição de Lacan (1966/2001) a respeito do lugar que a psicanálise ocupa diante da medicina: “marginal” e “extra-territorial” (p. 8). É desde Freud e a origem da psicanálise que temos por certo de que é “a descontinuidade psicofisiológica manifestada pelos estados em que se produz o sintoma histérico” (LACAN, 1953/1998b, p. 258), retomando que no início estava a histeria.

#### 4. “ANALOGIA NÃO É METÁFORA”: A QUE SERVE A DENOMINAÇÃO DE DOENÇA MENTAL?

Daremos um salto, tendo preparado o terreno apontando para a concepção do simbólico e aos tratamentos possíveis, para a crítica à concepção de doença mental em si. Nosso ponto de partida assegura-se na colocação de Lévi-Strauss (1950/2003):

---

<sup>4</sup> No original: “*Pero, entonces, si la locura puede coincidir con la psicosis o no, lo mismo puede afirmarse de la neurosis. Quizás entonces también de la perversión. Sin entrar aquí en este espinoso problema, podemos adelantar que, por lo dicho, el concepto de locura se sitúa en una región conceptual diversa a la que estamos habituados a recurrir cuando hablamos de las **estructuras freudianas**.*” (MUÑOZ, 2008, p. 89).

Na realidade, é a noção mesma de *doença mental* que está em causa. Pois, se o mental e o social se confundem, como afirma Mauss, seria absurdo, nos casos em que o social e fisiológico estão diretamente em contato, aplicar a uma das duas ordens uma noção (como a de doença que só tem sentido na outra). (p. 21, grifos do autor).

Como nomear esse fenômeno complexo que mobiliza necessariamente uma concepção de sujeito, das fronteiras individuais-sociais, de corpo, do psíquico e das características dadas a esses termos a partir do momento que são invocados para atingir o que está em causa na gênese das psicopatologias? Se elegemos a noção de “doença mental”, é subordinando o território do psíquico e o sofrimento advindo dele às leis da doença como concebida pela medicina moderna. O *fisiológico* define assim o registro, a *linguagem* e, portanto, o *sujeito* estão foracluídos.

Com Lacan (1953/1998b) diremos: “Analogia não é metáfora” (p. 264). Seguimos a definição dessa formulação como explicitada nas palestras de Miller (1997) no Brasil em *Lacan elucidado*. Um participante do seminário o questiona a respeito desse aforisma no contexto da discussão sobre a transmissão da psicanálise e define a distinção marcada por Lacan fundamentada na “analogia como um raciocínio partindo de um ponto de referência fixo, uma referência considerada absoluta; enquanto a metáfora seria um deslizamento, uma substituição e um movimento diacrônico contínuos” (p. 33). Poderíamos, em outros termos, dizer que o pensamento analógico é o germe da ideologia científica (CANGUILHEM, 1969/2009). O conceito de *doença mental* opera a partir do pensamento analógico: é o ponto de referência fixado no domínio do corpo fisiológico como definido pela medicina que se constitui como uma “referência considerada absoluta” para o entendimento do psíquico. O psíquico, nesse momento, é desapropriado de constituir suas próprias leis e só ganha forma de modo posterior à imposição da analogia. Não há passagem a um outro registro, o do sentido. O corpo, para além do *organismo* (distinção demarcada aqui principalmente cf. LACAN, 1966/2001), não importa. Miller (1997) complementa a fala do participante: “Não há analogia para a experiência analítica. Nela, toda referência é suspensa. Freud tentou verificar as atitudes e ditos de seus pacientes; a única referência foi um fim ao próprio discurso, sem princípios de analogia que nos ocupam” (p. 33). Assim, podemos ter uma clareza maior do objeto que dá forma ao exercício daqueles que se ocupam do sofrimento psíquico, como resta na provocação de Lacan ao pensamento analógico em operação (1946/1998a): “Para falar em termos concretos, haverá alguma coisa que distinga o alienado dos outros doentes, a não ser pelo fato de o encerrarmos num asilo, enquanto hospitalizamos estes últimos?” (p. 156). Há diferença.

Eliminar a concepção de doença mental não implica em tirar o corpo fora. O corpo estava presente no xamanismo ameríndio, como sempre esteve presente na psicanálise. Que se possa articular o simbólico e inserir a linguagem na invenção de um corpo próprio (como nos mostra, por exemplo, Eduardo Viveiros de Castro em *A fabricação do corpo na sociedade xinguana* de 1979 – objeto para um futuro estudo mais aproximado entre a psicanálise e a antropologia), nos parece de um fundamento necessário para repensar a delimitação dos objetos constitutivos dos saberes científicos.

Restam as implicações e a política advinda dessas escolhas. Lévi-Strauss (1983/2010), em um ensaio denominado *O etnólogo perante a condição humana*, lida com uma questão similar devido à emergência da sociobiologia nos Estados Unidos. A sociobiologia ganhou força com “os progressos da neurologia que dão esperança de poder vir a resolver muitos velhos problemas filosóficos” (LÉVI-STRAUSS, 1983/2010, p. 60), no que o antropólogo adverte que falta “prudência” para esses investigadores esperançosos e a ciência de que “mesmo no caso em que certos fenômenos observáveis dependam, direta ou indiretamente, de fatores genéticos, tem de saber-se que estes consistirão em dosagens infinitamente complexas que o biólogo se declara incapaz de definir e analisar” (LÉVI-STRAUSS, 1983/2010, p. 61).

Em consonância com o que descrevem Arantes e Freitas (2019) sobre as associações desse movimento com as transformações da economia política, mobilizados na introdução deste trabalho, Lévi-Strauss (1983/2010) aponta:

Não só este cálculo egoísta, a que todas as condutas humanas estariam reduzidas, evoca curiosamente o espectro do velho *homo oeconomicus*, hoje em dia travestido em *homo geneticus* - um fazendo o cálculo dos seus proveitos, o outro o dos seus genes -, como é desconhecer que o que é próprio à condição humana se situa inteiramente numa terceira ordem: a da cultura, à qual retornamos após um longo rodeio. (p. 62).

Lacan (1967)<sup>5</sup> dá o tom desse movimento como uma volta da psiquiatria, de certa forma inferiorizada na medicina moderna, “com base nisto, que a própria medicina geral entra inteiramente no dinamismo farmacêutico” (p. 9, tradução nossa). Algo se modifica, “mas não sabemos nada o que se modifica, nem, além disso, aonde essas modificações vão levar, nem sequer que sentido fazem, uma vez que se trata de uma questão de sentido” (LACAN, 1967, p. 9, tradução nossa). Se nos atemos aos profissionais do *complexo psi* e as tendências do cognitivismo que fazem parceria com a psiquiatria, a medicina geral e o “dinamismo farmacêutico”, a política do sintoma pode ser pensada com Colette Soler (2012): “Ele os pensa como disfuncionamentos ou panes de uma máquina humana neurológica, hormonal, social, etc., que se desarranja como se desarranjaria qualquer máquina. É uma enorme mudança que forçou o valor de verdade do sintoma, aquele que Freud revelou.” (p. 201). E daí advém um programa: “fazer o anoréxico comer, a muda falar, o deprimido sorrir, o estressado ficar tranquilo, o agitado calmo, e tudo para ele está bom. É patente: é a hora dos psicotrópicos.” (SOLER, 2012, p. 202).

Reafirmamos com Lacan (1974/2020): “Em psicanálise, os termos 'doente', 'médico', 'remédio' não são mais justos que as fórmulas no passivo que adotamos comumente. [...] É um erro.” (p. 8). Da mesma forma poderíamos questionar a tradução que o etnógrafo possa fazer dos mesmos três termos elencados por Lacan (doente/médico/remédio) ao retratar o que constitui os processos do xamanismo e de outros meios de relação com o sintoma para os povos ameríndios. De acordo com o que sabemos a respeito da forma como os ameríndios se relacionam com a palavra, seriam termos justos para retratarmos o que ocorre? Ou melhor: podemos, com essas práticas, reavaliar qualquer um dos nossos programas que não faça uma crítica dos referidos termos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratamos aqui de um problema que é extenso: com diversos interlocutores (sejam aliados ou não), com distintos desdobramentos e implicações políticas que merecem um aprofundamento maior. Nos posicionamos de acordo com Lévi-Strauss (1949/2008a) ao dizer que “a comparação com a psicanálise nos permitiu esclarecer certos aspectos da cura xamanística. Não é certo, que inversamente, o estudo do xamanismo não seja solicitado, algum dia, para elucidar aspectos ainda obscuros da teoria de Freud” (p. 223), considerando uma tendência profícua para os dois campos continuarem a se desenvolver e conceber elaborações críticas necessárias ao “mundo por vir” (em aceno aos escritos de Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski). Fazemos, portanto, das palavras de Lacan (1946/1998a) as nossas ao alertar: “Penso atender à sua expectativa visando, nessas duas vertentes, ser direto, sem que ninguém possa exigir que eu seja completo” (p. 152).

Diante do exposto, pôde-se traçar um percurso que retoma o registro do simbólico e os processos de significação que ele engendra; bem como as valiosas experiências do xamanismo e da psicanálise para que uma crítica à concepção de doença mental pudesse ser formalizada. Ao não

---

<sup>5</sup> Parágrafo no original: “[...] la psiquiatría vuelve a entrar en la medicina general sobre la base de esto, que la propia medicina general entra enteramente en el dinamismo farmacéutico. Evidentemente, ahí se producen cosas nuevas: se obnubila, se tempera, se interfiere o modifica... Pero no se sabe para nada lo que se modifica, ni, por otra parte, a dónde llegarán esas modificaciones, ni siquiera el sentido que tienen; puesto que se trata de sentido.” (LACAN, 1967, p. 9).

especificá-la como uma “doença mental *biológica*” ou algum outro termo afim, tivemos o propósito de enfatizar que reformulações (como resgatadas na crítica de Lacan ao organo-dinamicismo de Henri Ey) ou adjetivações outras não seriam suficientes para eliminar os aspectos ideológicos postos em jogo a partir da operação analógica que toda consideração do sofrimento psíquico a partir do significado de *doença* mental estabeleceria. Devemos, portanto, reconhecer que não é sem implicações que ele ainda continua em voga.

Que possamos terminar com a continuação da provocação empregada na introdução deste escrito: “Nós cremos pensar com nosso cérebro. Eu, eu penso com meus pés, é só ali que eu encontro alguma coisa de dura; às vezes eu penso com os músculos da testa, quando me bato. Já vi suficientes eletroencefalogramas para saber que não há nenhuma sombra de pensamento” (LACAN, 1975/2016, p. 93).

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Sonia; ELIA, Luciano. Psicanálise e Ciência: o encontro dos discursos. Rev. **Mal-Estar Subj.**, v. 8, n. 3, set. 2008, p. 779-802.
- ARANTES, Ricardo Lugon; FREITAS, Claudia Rodrigues de. Olhando para o cérebro dos aprendentes: reflexões para um desencantamento imagético na educação. **Culturas Psi**, Buenos Aires, nº 6, 2016, p. 12-27.
- AZIZE, Rogério Lopes. Uma neuro-weltanschauung? Fisicalismo e subjetividade na divulgação de doenças e medicamentos do cérebro. Revista **Mana** [online], v. 14, n. 1, 2008, p. 7-30.
- BASUALDO, Carina. Lacan maussien. **Revue du MAUSS**, vol. 37, n. 1, 2011, p. 187-192.
- \_\_\_\_\_. Lacan ou Lévi-Strauss não eram moralistas apocalípticos. **Centro Latino-americano em Sexualidade e Direitos Humanos**. Tradução de Anna Paula Uziel, revisão de Horácio Sivori. Disponível em <<http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?cod=10445>>. Acesso em: 23/05/2023.
- CANGUILHEM, Georges. Qu'est-ce qu'une idéologie scientifique? In: CANGUILHEM, Georges. **Ideologie et rationalité dans l'histoire des sciences de la vie**. Paris, França: Vrin, 2009, p. 39-55.
- DE CALAN, Ronan. Lacan et la psychiatrie organo-dynamique: retour sur un dialogue avec Henri Ey. **Savoirs et clinique**, n. 1, 2013, p. 47-60.
- DUTRA, Flávia. Inconsciente freudiano x inconsciente lacaniano. In: DUTRA, Flávia; COLARES, Karime; MEZZA, Martín (org.). **Lacan: a revolução negada**. Curitiba: CRV, 2021a, p. 33-42.
- DUTRA, Flávia. Metáfora paterna x Complexo de Édipo. In: DUTRA, Flávia; COLARES, Karime; MEZZA, Martín (org.). **Lacan: a revolução negada**. Curitiba: CRV, 2021b, p. 75-88.
- FIGUEIREDO, Ana Cristina. **Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica no ambulatório público**. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, 1997.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 2. ed. Tradução de Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2009.
- FREUD, Sigmund. Tratamento psíquico (ou anímico). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas, vol. VII**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.
- GOLDMAN, Márcio. Lévi-Strauss, a ciência e as outras coisas. In: QUEIROZ, Rubem Caixeta de; NOBRE, Renarde Freire (orgs). **Lévi-Strauss. Leituras brasileiras**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LACAN, Jacques. Breve discurso a los psiquiatras [Conférence sur la psychanalyse et la formation du psychiatre à Ste. Anne]. Conferência inédita. Estabelecimento do texto, tradução e notas de Ricardo E. Rodriguez Ponte. **Escuela Freudiana de Buenos Aires** (circulação interna). Buenos Aires, 10 de novembro de 1967. Disponível em <<http://lacantrafreudiana.com.ar/2.5.1.12%20%20BREVE%20DISCURSO%20A%20LOS%20PSIQUIATRAS.%201967.pdf>>. Acesso em: 23/12/2022.
- \_\_\_\_\_. Conferência no Instituto Tecnológico de Massachusetts (02 de dezembro de 1975). In: DENEZ, Frederico; VOLACO, Gustavo Capobianco (org.). **Lacan in North Armorica**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016 (Original publicado em 1975).
- \_\_\_\_\_. Formulações sobre a causalidade psíquica. (Original publicado em 1946) In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

- \_\_\_\_\_. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. (Original publicado em 1953) In: \_\_\_\_\_ **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.
- \_\_\_\_\_. Não há crise na psicanálise (Entrevista de Jacques Lacan a Emilio Granzotto). **Bloco Mágico: Boletim do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise**, n. 16, 2020, p. 6-13. (Original publicado em 1974).
- \_\_\_\_\_. O lugar da psicanálise na medicina. **Opção Lacaniana**, v. 32, n. 10, p. 8-14, 2001. (Original publicado em 1966).
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008a. (Original publicado em 1949)
- \_\_\_\_\_. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.. (Original publicado em 1950).
- \_\_\_\_\_. O etnólogo perante a condição humana. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **O olhar distanciado**. Lisboa, Portugal: Edições 70, p. 51-68, 2010. (Original publicado em 1983)
- \_\_\_\_\_. O feiticeiro e sua magia. In: **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008b. (Original publicado em 1949).
- MASOTTA, Oscar. **O comprovante da falta**: lições de introdução à psicanálise. Campinas: Papyrus, 1987.
- MILLER, Jacques-Alain. Do neurônio ao nó. Revista **aSEPHallus**, Rio de Janeiro, vol. VII, n. 13, 2012.
- \_\_\_\_\_. “O mal-entendido”. In: \_\_\_\_\_. **Lacan elucidado**: palestras no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Zahar, 1997, p. 17-34.
- \_\_\_\_\_. O último ensino de Lacan. **Opção Lacaniana** - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 35. São Paulo: Eolia, 2003, p. 6-24.
- MUÑOZ, Pablo D. El concepto de locura en la obra de Jacques Lacan. **Anuário de investigaciones de la Facultad de Psicología (Universidad de Buenos Aires)**, vol. 15. Buenos Aires: 2008.
- PARKER, Ian. Jacques Lacan, barred psychologist. **Theory & Psychology**, v. 13, n. 1, 2003, p. 95-115.
- SOLER, Colette. **Lacan, o inconsciente reinventado**. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.
- THAGARD, Paul. Cognitive Science. In: **STANFORD encyclopedia of philosophy**. Stanford: Stanford University, 2018. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/win2020/entries/cognitive-science>>. Acesso em: 28 de outubro de 2022.
- WERNECK, Mariza Martins Furquim. O trabalho do mito: diálogos entre Freud e Lévi-Strauss. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 64, n. 1, Jan. 2012, p. 45-47.